

Exercícios de revisão: Modernismo (2ª fase) – Prosa

Exercícios

1. Se a obra historiográfica de Sérgio Buarque de Holanda foi um olhar para o passado brasileiro a partir da História de São Paulo (as monções, as entradas e bandeiras, os caminhos e fronteiras) entre a generalidade do ensaio, em *Raízes do Brasil*, e a sistematização acadêmica de sua produção na USP, a cidade do Rio de Janeiro funda um universo poético e um horizonte criativo inteiramente novos em Chico Buarque, no cruzamento das atividades do “morro” (o samba, sobretudo) com as da “cidade” (A Bossa Nova e a vida intelectual do circuito Zona Sul).

(FIGUEIREDO, Luciano (org). *História do Brasil para ocupados*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013, p. 451)

O sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, em sua obra “*Raízes do Brasil*”, buscou caracterizar traços fundadores da nossa identidade cultural, ao tempo que também a literatura registrava aspectos regionais de nossa cultura mais enraizada, tal como ocorreu

- a) nas crônicas dos jornais e revistas da época conhecida como belle époque.
 - b) no período de autores pioneiros conhecido como pré-modernismo.
 - c) nas páginas ainda tímidas de nossa prosa mais intimista da década de 1940.
 - d) nos poemas em prosa do então jovem e promissor Carlos Drummond de Andrade.
 - e) em romances de afirmação do período modernista e da chamada geração de 30.
2. (...) procurei adivinhar o que se passa na alma duma cachorra. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás. Exatamente o que todos nós desejamos. A diferença é que eu quero que eles apareçam antes do sono, e padre Zé Leite pretende que eles nos venham em sonhos, mas no fundo todos somos como a minha cachorra Baleia e esperamos preás. (...)

Carta de Graciliano Ramos a sua esposa.

(...) Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras: àquela hora cheiros de suçarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas.

Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritô onde sinha Vitória guardava o cachimbo.

(...)

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.

Graciliano Ramos, *Vidas secas*

As declarações de Graciliano Ramos na Carta e o excerto do romance permitem afirmar que a personagem Baleia, em “*Vidas Secas*”, representa

- a) o conformismo dos sertanejos.
- b) os anseios comunitários de justiça social.
- c) os desejos incompatíveis com os de Fabiano.
- d) a crença em uma vida sobrenatural.
- e) o desdém por um mundo melhor.

3. Carta do escritor Graciliano Ramos ao pintor Cândido Portinari.

Rio – 18 – Fevereiro – 1946

Caríssimo Portinari:

A sua carta chegou muito atrasada, e receio que esta resposta já não o ache fixando na tela a nossa pobre gente da roça. Não há trabalho mais digno, penso eu. Dizem que somos pessimistas e exibimos deformações; contudo as deformações e miséria existem fora da arte e são cultivadas pelos que nos censuram.

O que às vezes pergunto a mim mesmo, com angústia, Portinari, é isto: se elas desaparecessem, poderíamos continuar a trabalhar? Desejamos realmente que elas desapareçam ou seremos também uns exploradores, tão perversos como os outros, quando expomos desgraças? Dos quadros que você mostrou quando almocei no Cosme Velho pela última vez, o que mais me comoveu foi aquela mãe com a criança morta. Saí de sua casa com um pensamento horrível: numa sociedade sem classes e sem miséria seria possível fazer-se aquilo? Numa vida tranquila e feliz que espécie de arte surgiria? Chego a pensar que fariamos cromos, anjinhos cor-de-rosa, e isto me horroriza.

Felizmente a dor existirá sempre, a nossa velha amiga, nada a suprimirá. E seríamos ingratos se desejássemos a supressão dela, não lhe parece? Veja como os nossos ricos em geral são burros.

Julgo naturalmente que seria bom enforcá-los, mas se isto nos trouxesse tranquilidade e felicidade, eu ficaria bem desgostoso, porque não nascemos para tal sensaboria. O meu desejo é que, eliminados os ricos de qualquer modo e os sofrimentos causados por eles, venham novos sofrimentos, pois sem isto não temos arte.

E adeus, meu grande Portinari. Muitos abraços para você e para Maria.

Graciliano

sensaboria: contratempo, monotonia

Depreende-se corretamente do texto que o escritor Graciliano Ramos:

- a) compreende a miséria humana e os sofrimentos como motivadores da produção artística, que não pode ser apenas ornamental.
- b) entende que a função da pintura é oferecer as soluções práticas para o erradicação da miséria humana.
- c) se refere a pinturas que ele mesmo produziu sobre as diferenças sociais que afetam o povo brasileiro.
- d) se dirige ao pintor Portinari com o claro objetivo de propor a formação de uma política que exclua os ricos da sociedade.
- e) escreve ao pintor Portinari para tentar amenizar o remorso que sente por explorar a miséria humana.

4. Leia o texto.

Fazia um mês que eu chegara ao colégio. Um mês de um duro aprendizado que me custara suores frios. Tinha também ganho o meu apelido: chamavam-me de Doidinho. O meu nervoso, a minha impaciência mórbida de não parar em um lugar, de fazer tudo às carreiras, os meus recolhimentos, os meus choros inexplicáveis, me batizaram assim pela segunda vez. Só me chamavam de Doidinho. E a verdade é que eu não repelia o apelido. Todos tinham o seu. Havia o Coruja, o Pão-Duro, o Papa-Figo. Este era o pobre do Aurélio, um amarelo inchado não sei de que doença, que dormia junto de mim. Vinha um parente levá-lo e trazê-lo todos os anos. Em S. João não ia para casa, e só voltava no fim do ano porque não havia outro jeito. A família tinha vergonha dele em casa. Nunca vi uma pessoa tão feia, com aquele corpanzil bambo de papangu. Apanhava dos outros somente com o grito: — Vou dizer a Seu Maciel! — Mas não ia, coitado. Nem esta coragem de enredo, ele tinha. Dormia com um ronco de gente morrendo e a boca aberta, babando. Às vezes, quando eu acordava de noite, ficava com medo do pobre do Aurélio. Ouvia falar que era de amarelos assim que saíam os lobisomens. Certas ocasiões não podia se levantar, e dias inteiros ficava na cama, com um lenço amarrado na cabeça. E o seu Maciel não respeitava nem esta enfermidade ambulante: dava no pobre também.

(José Lins do Rego. Doidinho.)

Doidinho, cuja primeira edição é de 1933, é obra inserida no “Regionalismo de 30”. Essa fase analisa a relação do homem comum com a realidade opressora em que a figura do “herói problemático” luta para vencer a hostilidade do meio ou se recolhe ao próprio mundo interior.

Identifique um fragmento do texto que apresente algum aspecto ligado a essa tendência.

- a) “Fazia um mês que eu chegara ao colégio. Um mês de um duro aprendizado que me custara suores frios.”
- b) “Só me chamavam de Doidinho. E a verdade é que eu não repelia o apelido. Todos tinham o seu. Havia o Coruja, o Pão-Duro, o Papa-Figo.”
- c) “Este era o pobre do Aurélio, um amarelo inchado não sei de que doença, que dormia junto de mim. Vinha um parente levá-lo e trazê-lo todos os anos.”
- d) “Apanhava dos outros somente com o grito: — Vou dizer a Seu Maciel! — Mas não ia, coitado. Nem esta coragem de enredo, ele tinha.”
- e) “Dormia com um ronco de gente morrendo e a boca aberta, babando.”

5. Incidente em Antares (fragmento)

Durante alguns minutos a defunta fica a olhar em torno – para a esplanada, o céu, o muro do cemitério, a lanterna acesa caída no chão... Depois se põe de joelhos e nessa posição, lentamente, faz a volta do esquife vizinho, desatarraxando-lhe a tampa, que tenta em vão erguer, terminada a operação. Bate três vezes com o punho cerrado na tampa do caixão negro, cujo ocupante responde, após segundos, com três batidas semelhantes. D. Quitéria vê a tampa que ela desaparafusou erguer-se lentamente e por fim cair para um lado. Um homem de estatura mediana e vestido de escuro sai do seu féretro, dá alguns passos com uma rigidez de boneco de mola, olha a seu redor, inclina-se, apanha a lanterna, passeia a sua luz pelo muro do cemitério, depois pela copa dos cinamomos, projeta-a contra a esplanada e por fim foca o rosto da dama, que continua ajoelhada.

– D. Quitéria Campolargo! – exclama o desconhecido. – Que honra! Que prazer!

Érico Veríssimo

Pode-se afirmar sobre a Geração de 1930 do Modernismo brasileiro à qual a crítica vincula Érico Veríssimo:

- a) [...] inspirado pelas propostas iconoclastas das vanguardas europeias, deu início a um questionamento sistemático dos valores que fundamentam o gosto nacional. (Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara)
- b) [...] busca apresentar o homem como um produto biológico, cujo comportamento é moldado pelo ambiente e pela herança genética. Essa tendência ocorre, especialmente, devido ao contexto científico da época que creditava à ciência natural a única forma de se explicar o mundo. (Luciana Paula Bento Luciani)
- c) As manifestações literárias do período [...] indicam, de modo geral, o surgimento de uma mentalidade valorizadora da capacidade humana. Essa mentalidade inspirada na revalorização da cultura clássica da Antiguidade, conviveu com valores tipicamente medievais. (Ulisses Infante)
- d) [...] foi um período no qual se observou a ressurreição da literatura grecolatina e o homem como um meio para a realização de seus fins transcendentais. (Anne Cristina Barbosa Peres)
- e) O romance brasileiro de então, encontrando no regionalismo uma de suas principais vertentes, ganha matizes ideológicos e se transforma num importante instrumento de análise e de denúncia da realidade. (William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães)

6. A literatura de 1930 é demarcada por uma temática social, em que o urbano e o rural se inter cruzam, haja vista os romances de José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado. Os dois primeiros autores dão prioridade às histórias que transcorrem em espaço rural; a mesma coisa já não se pode afirmar em relação à obra de Jorge Amado, pois grande parte dela tem como ambiente a cidade da Bahia, atual Salvador. Com base no exposto, observe as imagens a seguir:



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3

Analise as seguintes afirmativas:

- I. As três imagens referem-se, de modo simultâneo, às obras dos romancistas de trinta, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado, pois a produção artística desses autores relata acontecimentos que ocorrem nos três espaços representados nas imagens expostas.
- II. Dos três autores mencionados, dois deles têm textos memorialistas, Graciliano Ramos, por relatar as memórias dos anos que passou na prisão, e Jorge Amado, quando narra a história dos amores de Gabriela com Nacib e de Dona Flor com os seus dois maridos.
- III. Há antagonismo entre as imagens 1, 2 e 3, respectivamente, com os romances de José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado os quais, pelo fato de fazerem parte da geração denominada regionalista, mimetizam, de modo crítico, aspectos da realidade que têm por cenários o campo e a cidade.
- IV. A imagem 2 representa o espaço onde transcorrem os acontecimentos relatados nos romances do ciclo do açúcar, de José Lins do Rego, enquanto a 3 relaciona-se com o cenário da seca, tema central de Vidas Secas. Trata-se de uma narrativa de Graciliano Ramos, na qual o animal e o homem se equivalem, pois, enquanto Fabiano se considera “bicho”, Baleia nutre sentimentos humanos.
- V. Dos três autores, o único que apresenta, na maioria de seus romances, um cenário urbano tal qual se encontra representado na imagem 3 é Jorge Amado, cuja crítica social se volta para acontecimentos na cidade da Bahia, atual Salvador

Está(ão) CORRETA(S) apenas:

- a) I, II e III.
- b) I e II.
- c) IV.
- d) I e V.
- e) I, III e IV.

7. Omolu espalhara a bexiga na cidade. Era uma vingança contra a cidade dos ricos. Mas os ricos tinham a vacina, que sabia Omolu de vacinas? Era um pobre deus das florestas d'África. Um deus dos negros pobres. Que podia saber de vacinas? Então a bexiga desceu e assolou o povo de Omolu. Tudo que Omolu pôde fazer foi transformar a bexiga de negra em alastrim, bexiga branca e tola. Assim mesmo morrerá negro, morrerá pobre. Mas Omolu dizia que não fora o alastrim que matara. Fora o lazareto*. Omolu só queria com o alastrim marcar seus filhinhos negros. O lazareto é que os matava. Mas as macumbas pediam que ele levasse a bexiga da cidade, levasse para os ricos latifundiários do sertão. Eles tinham dinheiro, léguas e léguas de terra, mas não sabiam tampouco da vacina. O Omolu diz que vai pro sertão. E os negros, os ogãs, as filhas e pais de santo cantam:
- Ele é mesmo nosso pai
e é quem pode nos ajudar...
- Omolu promete ir. Mas para que seus filhos negros não o esqueçam avisa no seu cântico de despedida:
Ora, adeus, ó meus filhinhos,
Qu'eu vou e torno a vortá...
- E numa noite que os atabaques batiam nas macumbas, numa noite de mistério da Bahia, Omolu pulou na máquina da Leste Brasileira e foi para o sertão de Juazeiro. A bexiga foi com ele.

Jorge Amado, *Capitães da Areia*.

*lazareto: estabelecimento para isolamento sanitário de pessoas atingidas

Considere as seguintes afirmações referentes ao texto de Jorge Amado:

- I. Do ponto de vista do excerto, considerado no contexto da obra a que pertence, a religião de origem africana comporta um aspecto de resistência cultural e política.
- II. Fica pressuposta no texto a ideia de que, na época em que se passa a história nele narrada, o Brasil ainda conservava formas de privação de direitos e de exclusão social advindas do período colonial.
- III. Os contrastes de natureza social, cultural e regional que o texto registra permitem concluir corretamente que o Brasil passou por processos de modernização descompassados e desiguais.

Está correto o que se afirma em:

- a) I, somente.
 - b) II, somente.
 - c) I e II, somente.
 - d) II e III, somente.
 - e) I, II e III.
8. O romance regionalista nordestino que surge e se desenvolve a partir de 1930, aproximadamente, pode ser chamado de neorrealista. Isso se deve ao fato de que esse romance:
- a) retoma o filão da temática regionalista, descoberto e explorado inicialmente pelos realistas do século XIX.
 - b) apresenta, através do discurso narrativo, uma visão realista e crítica das relações entre as classes que estruturaram a sociedade do Nordeste.
 - c) tenta explicar o comportamento do homem nordestino pelos fatores raça, meio e momento com base numa postura estritamente científica.
 - d) abandona de todo os pressupostos teóricos do Realismo do século passado, buscando as causas do comportamento humano mais no individual do que no social.
 - e) procura fazer do romance a anotação fiel e minuciosa da nova realidade urbana do Nordeste.

9. Considere o seguinte trecho do romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos:

As vacas vinham abrigar-se junto à parede da casa, pegada ao curral, e a chuva fustigava-as, os chocalhos batiam. Iriam engordar com o pasto novo, dar crias. O pasto cresceria no campo, as árvores se enfeitariam, o gado se multiplicaria. Engordariam todos, ele Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia. Talvez Sinhá Vitória adquirisse uma cama de lastro de couro. Realmente o jirau de varas onde se espichavam era incômodo.

Nesse trecho, fica claro que:

- a) o narrador imagina uma cena que nada tem a ver com o cenário real em que se encontram suas personagens.
 - b) Sinhá Vitória gostava de imaginar coisas, com a chegada das chuvas e a prosperidade da família.
 - c) Fabiano, em certos momentos, tinha consciência de que a situação em que viviam era irreversível.
 - d) Fabiano não deixava de alimentar esperanças de um melhor destino para sua família.
 - e) Sinhá Vitória, em certos momentos, deixava de alimentar qualquer esperança quanto ao futuro da família.
10. Graciliano Ramos é o autor que, no Modernismo, fez parte da
- a) fase destruidora, que procurou romper com o passado.
 - b) segunda fase, em que se destacou a ficção regionalista.
 - c) fase irreverente, que buscou motivos no primitivismo.
 - d) geração de 45, que procurou estabelecer uma ordem no caos anterior.
 - e) década de 60, que transcendentalizou o regionalismo.

Gabarito

1. **E**

A literatura brasileira registrou aspectos regionais de nossa cultura mais enraizada em romances de afirmação da nossa identidade cultural no período modernista da chamada de geração de 30. Trata-se de romances caracterizados pela denúncia social através do retrato da realidade das regiões mais inóspitas e miseráveis do Brasil, aproximando-se de procedimentos do Realismo-Naturalismo a que se acrescenta a análise psicológica dos personagens.

2. **B**

O mundo de preás referido na carta de Graciliano e nos “pensamentos” de Baleia antes de morrer representa, metaforicamente, os anseios por uma vida digna, pela justiça social referida na alternativa correta.

3. **A**

Através da carta a Portinari, Graciliano Ramos defende a ideia de que arte é um ato de consciência crítica com a função de expor os aspectos negativos da sociedade, provocar interrogações e reflexões, assim como discussões sobre os acontecimentos no mundo.

4. **D**

Em “Doidinho”, descreve-se o cotidiano dos alunos do colégio, sujeito a humilhações e ao abandono da própria família, como acontecia com Aurélio. No terceiro parágrafo do texto, o leitor é permeável ao sentimento de piedade e medo que este personagem incute no narrador, principalmente nos trechos “Apanhava dos outros somente com o grito: - Vou dizer a seu Maciel! – Mas não ia, coitado” e “Às vezes, quando eu acordava de noite, ficava com medo do pobre do Aurélio. Ouvia falar que era de amarelos assim que saíam os lobisomens”.

5. **E**

O romance da Geração de 30 tem uma preocupação com a denúncia social, retomando a perspectiva crítica do Realismo, ao mesmo tempo em que se interessa por lugares distantes dos grandes centros urbanos. Por isso, fala-se em escritores neorealistas e regionalistas.

6. **D**

As incorretas são: Graciliano Ramos escreveu obra memorialista: “Memórias do Cárcere”, já “Gabriela” e “Dona Flor e seus Maridos”, não são obras dessa natureza; Não há antagonismos entre os espaços retratados, respectivamente engenho, sertão e centro urbano, pois os três se referem ao contexto regionalista da 2ª geração modernista; A imagem 2 representa o espaço retratado em “Vidas Secas”; já a imagem 1, um engenho, retrata, como o próprio nome indica, os romances do ciclo do açúcar.

7. **E**

A questão sobre Capitães da areia, relacionada ao trecho no qual Omulu começa sua vingança contra os ricos, traz algumas afirmações relacionadas ao contexto histórico, social e cultural do Brasil da década de trinta. Na primeira afirmação, destaca-se a importância do candomblé como resistência cultural e política a partir da figura de Omulu, orixá que intenta uma vingança social a favor dos pobres. A segunda afirmação apresenta a persistência da discriminação contra religiões afro-brasileiras originadas no período colonial, até o século XX. A terceira afirmação, também correta, registra a desigualdade social do Brasil, bem evidente no romance. Logo, todas as afirmativas estão corretas.

8. **B**

O período que se desenvolve após 1930 é chamado de Neorrealismo porque apresenta, de forma crítica, as relações entre as classes e a situação vivida no Nordeste brasileiro.

9. **D**

O trecho apresenta que mesmo que os personagens apresentassem problemas, ainda sim, Fabiano, não perdia as esperanças de que conseguiriam ter um destino melhor.

10. **B**

Graciliano Ramos, autor de Vidas Secas, é um dos principais representantes da prosa na segunda geração do modernismo, sobressaindo-se entre os demais escritores em virtude de suas qualidades universalistas e, sobretudo, pela linguagem enxuta, rigorosa e conscientemente trabalhada.